

## O gracejo da tia-avó

*Yvisson Gomes dos Santos*\*

Psicólogo pelo CESMAC/FEJAL. Filósofo pela UFAL. Mestre em Educação pela UFAL. Doutorando em Educação pela UFAL. É professor de Filosofia pela SEDUC/AL.

 <https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>

**Recebido** em: 02 ago. 2023. **Aprovado** em: 11 set. 2023.

### Como citar esta produção artística:

SANTOS, Yvisson Gomes dos. O gracejo da tia-avó. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 13, n. 1, p. e922, fev. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10699388>.

(primeiro ato)

— Em poucos minutos a comida sairá, aguarde esse momento. Nada mais sublime que um assado, e dele seguido de uma boa sobremesa. Para o assado, vamos de carne de cordeiro, mas para o fim da estação alimentar, um doce de limão simples.

Assim falava minha tia-avó sobre essas coisas da gastronomia. Mulher bucólica e forte. Tinha olhos calmos e uma mão quente, quase primaveril. Seu vestuário era sempre o mesmo: vestido longo, um coque bem apertado na altura da cabeça e um girassol costurado a um pingente na gola do pescoço. Sensível, amiga, enérgica e silenciosa.

O seu falar era pontual como as espumas do mar. Vem de uma vez só, num rompante único. Mas volta e regride como todos da família.

---

\* 

[yvissongomes@hotmail.com](mailto:yvissongomes@hotmail.com)

Falo sem medo sobre ela, haveria de ter algum? Talvez, sendo-a sisuda e alegre, não se sabe o que dizer de certeza de tia Z.

— Malcriado, lave as mãos antes de sentar-se à mesa. Seja educado e asseado.

Dessa vez ela foi feroz e insípida. Eu tive de obedecer. Um adolescente de 17 anos com medo e atenção redobrada sobre o comer.

Decerto não era para ser assim. Minha tia-avó estava comigo, e nós a sós. Meus pais foram para um encontro entre eles, e eu fiquei com minha Z.

— Não haverá prato de entrada, compreende? Apenas o principal e a sobremesa.

— Sim, senhora, mas é para eu sentar aonde?

— Malcriado, do meu lado direito — tenha modos. Você é meu convidado principal. O único. Talvez o único.

— Vamos lá, deixa ver suas mãos. Muito bem, estão limpinhas. Um beijo na palma da mão (fez isto de uma forma maternal). Espere um pouco, vejo que suas unhas estão grandes, dá-se para ver uma sujeirinha. Mas sem demora esqueça disto. Sente-se e seja gentil.

— Obrigado pelo convite, tia Z. Estou feliz em fazer desse momento o mais feliz de todos.

— Criança engraçada, além de malcriada (risos). Danadinho, sapeca, botijão de rodas...

— Tia, não precisa me insultar. Estou bem com meu corpo, nem magro, nem gordo. Por favor, deixe-me ficar quieto e comer. Já sou um adolescente, quase um homem.

(Risos histriônicos) Olha para a altivez dele, nem pelos têm no púbis (risos sarcásticos).

— Mas se sente, sentou-se? Agora somos nós dois. Veja e se sirva, não espere que eu faça isso para você, malcriado.

Nesse íterim, o clima ficou nebuloso. Ocorreu-me uma vontade de sair correndo dessa mesa, de pegar um ônibus e ir-me embora. Mas meus pés estavam frios, uma câimbra me tomou a perna esquerda. Fiquei quieto e comecei a me servir.

Arroz, purê e o assado. Um pedaço tímido. Mastiguei com uma vontade de engolir e terminar esse momento.

— Por que come tão rápido? Mastigue devagar, malcriado. Vamos! Faça isso, olhe o garfo, ele está trêmulo nas suas mãos. Olhe a faca e suas cerdas. Elas podem machucá-lo. Não irei falar novamente. Apenas dessa vez e ponto final.

— Sim, senhora (cabisbaixo), a senhora sempre tem razão. Eu não sei mastigar. Sou malcriado, sou uma criança.

— Muito bem! Fiquei contente com sua maturidade, meu homem – exclamou com um sorriso nos lábios.

Comi como se deve fazer. Não repeti o prato, apenas por desgosto.

— Sobremesa, homenzinho.... coma! Eu agora lhe sirvo. Veja como esse doce tem sensações boas no palato. Vamos, coloco mais outra colher, se desejar.

— Apenas esta, somente esta, minha tia. Não estou com desejos de doce.

— Malcriado, malcriado! Nunca faça algo desse jeito. Figura invertida! Maldição! Não vai comer a sobremesa?

— Vamos terminar com tudo logo, agora, para já!

Tive uma sensação de desmaio. E desmoronei.

Uma hora, duas horas....

— Boa tarde, meu mocinho... o ventre de sua tia está oco. Tal como sua cabecinha de desmaio. Agora seus pais virão e você, impoluto, vomitará tudo que comeu, rapidamente.

Ela me fez vomitar. Colocou o dedo em minha garganta com força e vomitei.

— Tudo terminado. Agora o malcriado está bem. Vou lhe dar um banho, mas não diga nada a seus pais.

Acordei molhado! E a história termina nesse exato momento em que reescrevo uma outra estação desse mesmo dia. Não aguentei continuar.

(Segundo ato ou as estações do dia)

As crianças brincam como torneiras jorradas de água. É uma gritaria aguda que treme o solo fértil, um dia o sol nascerá. Estava animado em ir à casa de minha tia-avó, poderia parecer esquisito essa minha entusiasmada animação. Mas era o que tinha para esse dia. Tudo estava a contento. Meu pai brincava comigo no carro, enquanto minha mãe dirigia. Cócegas e arrepios no tremular do automóvel ao passar por alguns buracos indevidos. As coisas se transcorriam bem.

— Veja, menino. Logo ali é uma lanchonete, a do Coringa. Vamos tomar um pouco de café com um pão doce? O que acha, meu marido?

Desconcertante esse “meu marido”. Ela poderia dizer o seu nome. Ora essa, as mulheres casadas dizem com vigor os nomes de seus consortes. Algumas, talvez, até com o sobrenome. O que faltou no prenome? Uma letra mais cobiçada? Um espartilho de palavras? Um cantarolar mais suave para negar o nome, logo de meu pai?

— Acho que seria interessante irmos para lá. O Coringa tem um bom café espumante. Um doce quase azedo – imagina isto, doce azedo, qual nome diria?

— Um doce “com raspas de limão”. Podemos ir lá, menino lindo?

Eu parei e pensei com meus mexilhões abdominais.

— Vamos, sim, quero um sorvete no final, não este doce que os senhores falaram.

Rimos nesse instante, como se uma volúpia se apossasse de nós por um acessório alimentar. Nós não temíamos as palavras, talvez, elas a nós. Por isso, fomos ao local sugerido.

— Bom dia, senhores e menino, o que desejam de verdade? Temos de um tudo, como vocês sabem.

Minha mãe irritadiça disse:

— Deixe de provocação, senhor M., você já nos conhece bem, já pintou nossa casa em tempos quentes de verão. O mesmo prato com café sem açúcar.

— A senhora sempre bem-humorada. Quase uma moçoila, não concorda?

— Eu posso falar sobre ela. Bem, sou o esposo. Tenho-a como posse e teremos um certo *frenesi* acaso nos esforcemos para dialogarmos sobre minha amada. Falo desta forma: “uma mulher justa, inquieta e amorosa”. O meu amor eterno.

— Bravo, senhor. Nós, desta cafeteria, sempre tínhamos vocês em alta-cota, agora muito mais.

Eu imaginei que aquelas palavras fossem doces, quase açúcares nas linhas dos sentimentos, mas tinha algo de hipnótico nas usuras do silêncio. Adultos são assim: criam algumas sensações em nós, nos quais não sabemos como lidar. Apenas quando estiver com 18 anos, saberei lidar com as filigranas das palavras e das emoções. Acomodo-me em ser o “menino” de meus pais.

— E quanto a mim? O senhor não perguntou nada. Olha que estou achando que não existo nessa mesa.

— Caríssimo rapaz, ainda menino, deve ter uns 15 ou 16 anos, logo saberá que podemos esperar sua vez. Sempre a ordem produz uma singularidade mínima nos convivas, e você é um deles. Entende-me?

Balancei cabeça confirmando a pergunta. Mas, ainda assim, disse:

— Tenho 17 anos. No momento, sou um homem de calças curtas.

Mais uma vez, todos riram e eu também. Acharam engraçado a impostação de voz, presumo. Ou o que disse sem pensar, mas com um certo furor? Não me arrependo do que disse, mas quero retratação – falei em voz alta pelo pensamento.

— Menino, menino. Feche a boca. Coloque-se em posição ativa e não fale alto com os seus pensamentos – disse minha mãe.

Um silêncio esparso. Será que todos pediram o que desejavam? Não seria um insulto rever o que escrevo agora? Será que os espasmos de nossos risos formaram uma bolha semântica sem compreensão?

Preciso rever meu pedido, já que não me perguntaram, falarei:

— Quero um suco da estação com pão doce.

Todos riram novamente... era tudo tão confuso. Meu pai, minha mãe, o garçom e o mundo lá fora. Houvesse um código, este seria: pão doce, antes uma outra sobremesa.

— Pausa para pensar

(Último ato das estações de um dia)

Daí se passaram as horas e o tempo também se passou. Quando me dou por consciente, apenas havia sonhado esse tal de inferno astral, como dizem os astrólogos. Uma culminância sem graça, sem gracejos de minha tia-avó. Nada mais que um momento, dentre tantos outros alimentares. Como a boca de um vulcão através de símbolos oníricos expressados nesse texto miúdo e inquieto.

Preciso acabar com essa história de falar sobre aquilo que não conheço. Deixo para Morfeu este destino.

Apenas isto.